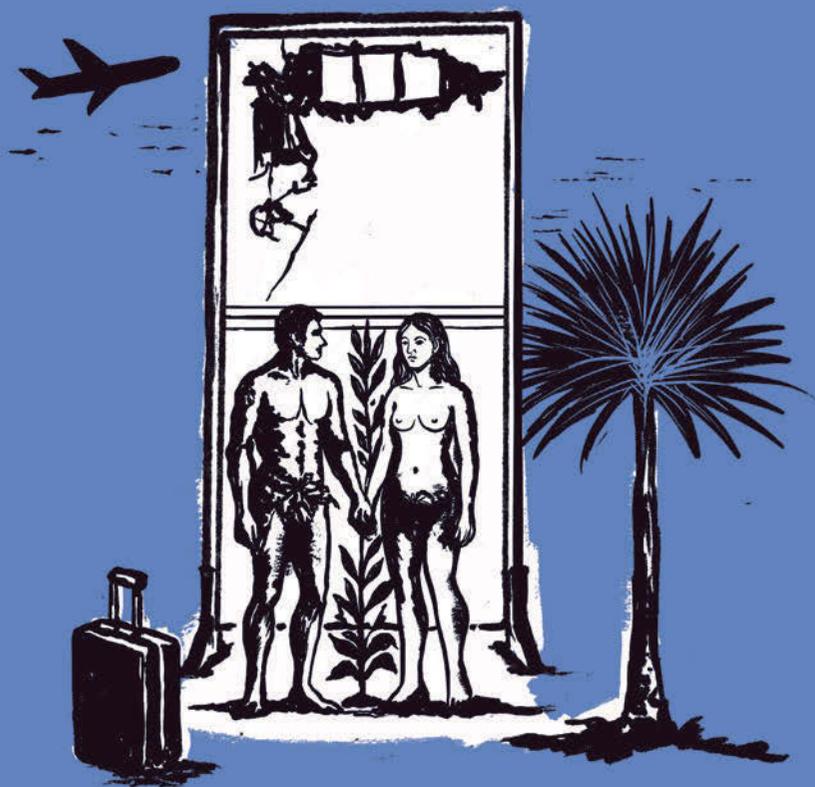


CÉSAR AIRA

O CONGRESSO DE LITERATURA



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE
O Fio de Macuto

Numa viagem que fiz recentemente à Venezuela, tive a oportunidade de admirar o famoso «Fio de Macuto», uma das maravilhas do Novo Mundo, legado de piratas anónimos, atracção turística e enigma sem resposta. Um estranho monumento de engenho que atravessou os séculos indecifrado e que nesse processo se tornou parte de uma Natureza que naquelas latitudes é tão rica como as renovações que promove. Macuto é uma das localidades costeiras que se sucedem perto de Caracas, vizinha de Maiquetía, onde se encontra o aeroporto a que eu tinha chegado. Instalaram-me provisoriamente no Las Quince Letras, o moderno hotel erguido em frente à pousada e restaurante com o mesmo nome, precisamente sobre a costa. O meu quarto dava para o mar, o Caribe enorme e ao mesmo tempo tão íntimo, azul e brilhante. O «Fio» passava a cem metros do hotel; dei com ele quando estava à janela e fui vê-lo de mais perto.

Na minha infância, como todas as crianças americanas, tinha mergulhado em vãs especulações sobre o Fio de Macuto, no qual se tornava real, tangível, vestígio vivo o mundo romanesco dos piratas. As enciclopédias (a minha era o *Tesouro da Juventude*, que nunca merecia tanto esse nome como naquelas páginas) traziam esquemas e fotografias que eu reproduzia nos meus cadernos. E nas minhas brincadeiras desatava os nós,

descobria o segredo... Mais tarde vi na televisão documentários sobre o Fio, comprei alguns livros sobre o assunto, e tropecei nele várias vezes ao estudar literatura venezuelana e caribenha, na qual é um *leitmotiv*. Também segui, como todos (embora sem um interesse especial), as notícias que vinham nos jornais sobre novas teorias, novas tentativas para decifrar o enigma... O facto de serem sempre novas era prova suficiente de que as anteriores tinham fracassado.

Segundo a lenda imemorial, o Fio devia servir para içar do fundo do mar um tesouro, um espólio de valor incalculável ali depositado pelos piratas. Um dos piratas (todas as investigações em crónicas e arquivos falharam em identificá-lo) devia ter sido um génio científico-artístico de primeira grandeza, um Leonardo a bordo, para idealizar o maravilhoso instrumento que servia simultaneamente para esconder o tesouro e recuperá-lo.

O aparelho era de uma simplicidade genial. Era, como o nome indica, um «fio», só um, na verdade uma corda de fibras naturais, estendida cerca três metros acima da superfície da água sobre uma fossa marítima que forma o fundo do mar perto da costa de Macuto. Na fossa perdia-se uma extremidade do fio, que passava por uma espécie de roldana natural em pedra numa rocha submersa a duzentos metros da margem, dava uma pirueta de nós corrediços num obelisco também natural em terra, e a partir daí subia até duas pequenas elevações da cadeia costeira para voltar ao «obelisco», numa triangulação. Sem necessidade de restauros, o dispositivo resistia intacto ao passar dos séculos — sem cuidados especiais —, pelo contrário, sempre invencível perante as manipulações

grosseiras e até violentas dos caçadores de tesouros (toda a gente o é), perante os predadores, os curiosos e as legiões de turistas.

Eu fui mais um... o último, como se verá. Tornou-se ligeiramente emocionante estar diante dele. Não importa o que já se sabe acerca de um objecto famoso: estar na sua presença é outra coisa. É preciso encontrar a sensação de realidade, levantar o véu dos sonhos que é a substância da realidade e pôr-se à altura do momento, do Everest do momento. Inútil será dizer que sou incapaz de tal proeza, eu mais do que ninguém. E mesmo assim, ali estava ele... lindíssimo na sua fragilidade invencível, tenso e fino, captando a luz antiga das navegações e das aventuras. Pude comprovar que o que se dizia sobre ele era verdade: nunca estava totalmente calado. Nas noites de tempestade, o vento fazia-o cantar, e aqueles que o ouviram durante um furacão ficaram obcecados para toda a vida com o seu uivo de lobo cósmico. Todas as brisas marítimas tinham tocado esta lira de uma só corda, o ajuda-memória do vento. Mas ainda nessa tarde, com o ar imóvel (se um pássaro tivesse soltado uma pena, ela teria caído em linha recta), o seu rumor ressoava. Eram graves e agudos microtonais, na profundidade do silêncio.

A minha presença diante do monumento teve consequências colossais, objectivas, históricas; não só para mim, mas para o mundo. A minha presença discreta, inadvertida, fugaz, quase como a de mais um turista... Porque nessa tarde resolvi o enigma, fiz funcionar o dispositivo adormecido e tirei o tesouro do fundo do mar.

Não é que eu seja um génio ou um sobredotado, nada disso. Muito pelo contrário. O que acontece (tentarei explicá-lo) é que cada mente se forma de acordo com as suas experiências, memórias e saberes, com a soma total, e a acumulação personalíssima de todos os dados que a fazem ser o que é torna-a única. Cada homem é dono de uma mente com poderes que podem ser grandes ou pequenos, mas que são sempre únicos, seus. E tornam-no capaz de uma «proeza», banal ou grandiosa, que só ele poderia realizar. Aqui todos tinham falhado porque tinham apostado num simples desenvolvimento quantitativo da inteligência e do engenho, quando o que era necessário era uma certa dose de ambos, mas de qualidade apropriada. A minha inteligência, confirmei-o à minha custa, é muito reduzida. Mal chegou para me manter à tona nas águas tempestuosas da vida. Mas é única na sua qualidade; e não é única porque eu tenha decidido que o fosse, mas porque é assim que tem de ser.

Isto acontece e tem acontecido assim com todas as pessoas, sempre e em toda a parte. Mas um exemplo retirado do mundo da cultura (de que outro poderia ser?) consegue tornar tudo mais claro. A unicidade de um intelectual pode apreender-se simplesmente através da conjunção das suas leituras. Quantos homens poderá haver no mundo que tenham lido estes dois livros: *A Filosofia da Experiência Viva* de A. Bogdanov e *Fausto* de Estanislao del Campo? Deixemos de lado as reflexões que poderão ter suscitado, as ressonâncias, a assimilação, que serão necessariamente pessoais e intransmissíveis. Vamos ao facto bruto dos dois livros. A coincidência de ambos num mesmo leitor é improvável, na medida em que

pertencem a âmbitos afastados da cultura e nenhum faz parte do acervo de clássicos universais. Ainda assim, é possível que uma dúzia ou duas de inteligências dispersas no tempo e no espaço tenham recebido este alimento dual. Mas basta acrescentarmos um terceiro livro, digamos *La Poussière des Soleils* de Raymond Roussel, para que o número diminua drasticamente. Se não for «um» (ou seja, eu), andaré próximo disso. Talvez seja «dois», e a esse outro eu teria razões para chamar «meu semelhante, meu irmão». Um livro mais, um quarto livro, e já posso ter a certeza de estar só. E eu não li quatro livros, foram milhares aqueles que o acaso ou a curiosidade puseram nas minhas mãos. E além dos livros, para não sair do campo da cultura, há discos, quadros, filmes...

Tudo isto, mais a textura dos meus dias e noites desde que nasci, me deu uma configuração mental diferente de qualquer outra. E deu-se o acaso de esta ser a necessária para resolver o problema do Fio de Macuto; para o resolver com maior facilidade, com maior naturalidade, como dois e dois. Para resolvê-lo, disse, não para concebê-lo; de forma alguma sugeri que o pirata anónimo que o idealizou fosse meu gémeo intelectual. Não tenho gémeo, e por isso fui capaz de encontrar a chave do enigma que em vão fora enfrentado por centenas de estudiosos e milhares de ambiciosos durante quatro séculos, e com meios muito mais ricos, que nos últimos tempos incluíram mergulhadores, sonares, computadores e equipas multidisciplinares. Eu era o único, em certo sentido o predestinado.

Mas não era o único em sentido literal, devo sublinhá-lo. Qualquer pessoa que tivesse tido as mesmas experiências

que eu (isso mesmo: todas, porque é impossível determinar *a priori* quais são as pertinentes) poderia tê-lo feito como eu. E nem sequer as «mesmas» experiências literalmente, porque as experiências admitem equivalências.

De modo que não me gabo demasiado. O mérito foi todo do acaso, que me colocou, precisamente a mim, no sítio certo: o Las Quince Letras, numa tarde de Novembro, sem nada para fazer durante várias horas (perdera o voo de ligação, e tinha de esperar pelo dia seguinte). Quando cheguei, não vinha a pensar no Fio de Macuto, nem sequer me lembrava da sua existência. Encarei a surpresa de que ali estivesse, a um passo do hotel, como um lembrete da minha infância amante dos livros de piratas.

Entretanto, e por mero imperativo da lei da explicação, ficou esclarecido outro enigma conexo, que era saber como tinha resistido a corda (o dito «fio») ao desgaste dos elementos durante tanto tempo. A fibra sintética conseguiria resistir, mas não havia nada de sintético no Fio de Macuto, como haviam demonstrado análises laboratoriais exaustivas efectuadas a alguns filamentos milimétricos extraídos com pinças de ponta de diamante: na sua composição não havia mais do que seda de ananás e liana, sobre um suporte de cânhamo.

A solução do problema principal não me surgiu de imediato. Durante duas ou três horas não soube que se estava a elaborar no meu cérebro, enquanto dava um passeio, subia ao meu quarto para escrever um pouco, olhava o mar pela janela e voltava a sair, no tédio da espera. Durante esse lapso tive tempo para observar os movimentos de umas crianças que mergulhavam no mar a partir de umas rochas a cerca de

vinte metros da costa. Isto já é a «pequena história», e na verdade só tem interesse para mim. Mas é com essas peças inenarráveis e microscópicas que se completa o quebra-cabeças. Porque na verdade não existe o «entretanto». Por exemplo, na minha distração considerava a brincadeira daqueles rapazes um artefacto humilde composto por elementos naturais, um dos quais era o reconhecimento do prazer cinético do mergulho, o choque muscular, a natação-respiração... Como fariam para se esquivar das arestas de pedra escondidas nas ondas? Como conseguiriam passar a milímetros da rocha que os teria matado com a sua carícia de medusa pétreia? Era o hábito. Deviam fazer aquilo todas as tardes. O que dava àquela brincadeira matéria suficiente para se tornar uma lenda. Aquelas crianças eram um hábito da costa de Macuto, mas a lenda também é um hábito. E a hora, aquela hora precisa, o crepúsculo tão adiantado nos trópicos e ao mesmo tempo tão demorado e majestoso nos seus acordes, a hora fazia parte do hábito...

De repente tudo se encaixava. Eu, que nunca compreendo nada a não ser por cansaço, por desistência, de repente compreendia tudo. Pensei em tomar notas, para um pequeno romance, mas porque não agir, por uma vez na vida, em vez de escrever? Dirigi-me apressadamente à plataforma onde o triângulo do Fio formava um vértice... Toquei levemente nos nós com a ponta dos dedos, inverti-os em bloco sem tentar desatá-los... Houve um zumbido que se ouviu a quilómetros em volta, e o Fio começou a deslizar sobre si mesmo a uma velocidade cósmica. As montanhas a que estava atado pareciam tremer, mas devia ser uma ilusão produzida pelo

deslizamento da corda, que se estendeu ao pedaço que entrava no mar. Os olhares dos curiosos que me tinham visto agir, e os daqueles que apareceram à janela dos edifícios próximos, apontaram para o mar alto...

E então, com um estalido prodigioso e uma explosão de espumas, saltou o cofre do tesouro na ponta do Fio, com tal força que se elevou no ar cerca de oitenta metros, deteve-se por um instante e depois veio em linha recta, sempre preso pelo fio que se retraía, até cair intacto sobre a plataforma de pedra, a um metro de onde eu estava à sua espera.

Não farei aqui o desenvolvimento de toda a explicação, porque me tomaria inúmeras páginas, e impus a mim mesmo uma extensão fixa para todo o texto (de que isto é apenas o prólogo), por respeito ao tempo do leitor.

O que quero destacar é que não me limitei a resolver especulativamente o enigma, mas que o fiz também na prática. Ou seja: depois de compreender o que era preciso fazer, avancei e fiz. E o objecto respondeu. O Fio, um arco esticado desde havia séculos, lançou finalmente a sua flecha, e trouxe até aos meus pés o tesouro oculto, tornando-me rico de um momento para o outro. O que calhou muito bem, porque eu sempre fui pobre, e ultimamente era-o mais do que nunca.

Vinha de um ano de angústias económicas, e de facto perguntava-me como sair de uma situação que piorava de dia para dia. A minha actividade literária, encarada em termos de incontestável pureza artística, nunca me deu proveitos materiais. O mesmo se aplica, e em maior medida devido ao secretismo com que os realizei, aos meus trabalhos científicos, de que falarei mais adiante. Desde o início da minha

juventude que vivi do meu trabalho de tradutor. Com o tempo fui aperfeiçoando este ofício, no qual alcancei algum prestígio, e durante os últimos anos consegui usufruir de uma certa tranquilidade, que nunca chegou à abundância, coisa que não me preocupa porque levo um estilo de vida muito austero. Mas agora a crise afectou seriamente a actividade editorial, que está a pagar pelo período prévio de euforia. A euforia levou ao excesso de oferta, as livrarias encheram-se de livros de produção nacional e, quando o público teve de apertar o cinto, a compra de livros foi a primeira coisa a ser cortada. De modo que as editoras se viram com *stocks* descomunais, impossíveis de distribuir, e restou-lhes reduzir a actividade. Reduziram-na tanto que passei este ano desocupado, gerindo penosamente as minhas poupanças e aguardando o futuro com crescente ansiedade. Poderá, portanto, imaginar-se como este acontecimento foi oportuno para mim.

Há aqui um motivo adicional de espanto, pensar como foi possível que uma riqueza com quatrocentos anos continuasse a ter valor, e que esse valor fosse enorme. Sobretudo tendo em conta a velocidade a que se sucedem nos nossos países as desvalorizações, as mudanças de denominação da moeda e os planos económicos. Mas não entrarei por esse tema. Por outro lado, a riqueza tem sempre alguma coisa de inexplicável, mais do que a pobreza. A partir daquele momento eu era rico, e pronto. Se não tivesse de partir no dia seguinte para Mérida, devido a um compromisso assumido ao qual não podia (nem queria) faltar, teria ido para Paris ou Nova Iorque estrear a minha opulência.

De forma que na manhã seguinte, com os bolsos cheios e precedido por um clamor de fama que preenchia os jornais do mundo inteiro, apanhei o avião que me levou à bela cidade andina onde decorria o Congresso de Literatura, objecto deste relato.

César é um escritor que ganha (mal) a vida a fazer traduções e, secretamente, um cientista louco. Pouco depois de resolver um enigma secular e de deitar as mãos a um antigo tesouro de piratas que o torna rico e famoso, César parte para um congresso de literatura na pequena cidade de Mérida, na Venezuela. Aí, disfarçado de inofensivo escritor, pretende levar a cabo um plano diabólico e delirante para dominar o mundo: clonar Carlos Fuentes e criar um exército imbatível de génios intelectuais. Mas, por obra do destino — ou do azar —, esse plano abre caminho a uma catástrofe de dimensões inesperadas...

Divertimento, sonho infantil, jogo literário que funde cultura popular e *ars narrativa*, no qual há lugar para instrumentos de clonagem, antigos amores, teatro, filosofia, teoria da literatura ou colossais lagartas azuis, *O Congresso de Literatura* constitui umas das obras mais lidas e celebradas do «laboratório» César Aira.

«A importância literária de Aira reside em fazer-nos questionar a fronteira porosa entre facto e ficção. Fá-lo com a energia e o prazer inesgotáveis de uma criança que persegue os seus inimigos imaginários pelo parque.»

Los Angeles Review of Books

«Um dos romancistas mais provocadores e idiossincráticos da literatura em castelhano. Imperdível.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-649-9



9 789895 836499